

## PRÓLOGO

### *Cidade de Prata, Paradísia, 11.000 A.C.*

E Rafael inspirou e cantou. Sua voz era sublime, seu tom era afável e seu timbre era potente. E daquele dia até o dia do Armagedom, a vida dos anjos ignavos, que não tomaram partido nem de Deus nem do Diabo no levante megalomaniaco de Lúcifer, seria o escuro e o silêncio.

Mas ao fim do cântico do Curandeiro de Deus, seu irmão Rhaziel continuava em pé. O serafim conhecido como o Estrela Vermelha, tinha os cabelos ruivos desgrenhados, compridos até pouco abaixo da linha dos ombros, ostentava uma crespa barba igualmente rubra, o que concedia um aspecto rústico a seu semblante gentil, encimados por olhos grandes e azuis como lagos cristalinos. O príncipe da casta dos corpores era quase tão baixo quanto Rafael, mas seu porte de guerreiro impunha algum respeito, ainda que sua natureza não fosse bélica. Despojado de sua armadura e qualquer arma que pudesse portar, o celeste primordial trajava uma túnica leve e branquíssima que contrastava com a selvageria escarlate em sua cabeça.

— O que está havendo? — questionou Uriel. O Ferreiro de Deus apertava o passo entre os corpos desacordados, tombados no chão. Dirigia-se apressado na direção do único indolente que havia resistido ao dom de Rafael. — És mais jovem apenas que Miguel e Gabriel, Cura de Deus. Por que este ignavo indigno resiste incólume ao teu cântico, se mesmo eu precisei me esforçar para não cair entorpecido?

— Sou também mais jovem que Lucibel, irmão — respondeu simplesmente o celestial de cútis escura e toga manchada de sangue.

— Refiro-me apenas àqueles ainda fiéis a Demiurgo, Rafael. — Uriel estava exaltado. Estacionara de frente a Rhaziel mirando-lhe os olhos. O Estrela Vermelha devolvia o desafio com o semblante duro. Suas mãos, no entanto, repousavam rijas à retaguarda de seu tronco em postura marcial.

— Acalma-te, Uriel — bradou firme o General de Deus. Miguel descia as escadas chegando ao piso onde estavam todos. — Ordenei que tu evitasses qualquer tentativa de fuga por parte dos indolentes, porém Rhaziel não demonstra intento algum nesse sentido.

— Ele resiste ao dom de Rafael — Uriel continuou retrucando.

— Tu farias diferente, irmão? — Era a vez de Gabriel se posicionar na conversa e o Mensageiro de Deus não perderia a oportunidade de provocar seu irmão impulsivo. — Permitirias que o dom de Rafael, disperso para afetar uma massa de milhares de guerreiros, afetasse teu vigor? Ainda que seja o nosso irmão mais pueril, Rhaziel é um serafim e, como tal, não irá perecer a menos que receba diretamente de Rafael toda a pujança de seu cântico místico.

Uriel bufou vencido. Miguel fitava o rosto plácido de uma capture tombada aos seus pés.

— O que estás a esperar? — Uriel mirava Rafael do outro lado do imenso salão. — A sentença de Rhaziel não pode diferir da executada aos demais covardes. O atraso em punir este indolente é uma afronta à justiça.

— Tu agora me dás ordens? — A voz de Rafael seguia mansa, desprovida de sarcasmo, no entanto, a aspereza das palavras chamou a atenção de todos os serafins ali presentes. O Curandeiro se dirigia lentamente em direção a Uriel. — Preciso advertir que não preciso sequer de toda potência de meu cântico para fazer tombar dois serafins mais jovens que eu. Tu me conheces e sabes que repudio qualquer forma de humilhação, mas penso que tu careces de certa dose de humildade, Uriel.

— Lúcifer tenta me matar e agora Rafael me ameaça — queixou-se Uriel ostentando um sorriso sem alegria. — Tempos difíceis... Mas se me advertes, Rafael, retribuo a gentileza lembrando-te que não és um combatente.

— Bem como Lúcifer não o é — Gabriel pontuou, sorrindo. — Mas não preciso lembrar-te disso, há em teu rosto uma marca que avivará tua memória por muito tempo.

— Irmãos — Miguel atraiu a atenção de todos. — Deixemos de provocar uns aos outros. Já tivemos contendas demais entre nós. Nosso irmão ganancioso já se encontra em local adequado, e Rhaziel precisa receber a punição por sua letargia. Portanto, Rafael, por favor, termina teu trabalho para que eu possa começar a parte que me toca nesta triste lida.

— Perdoa-me, Miguel — respondeu o serafim da cura divina. — Mas deverão vós mesmo executar a sentença sobre Rhaziel, pois exijo que seja aplicada a mim uma pena idêntica àquela escolhida a ele.

— Perdeste o juízo?! — retrucou Gabriel, sério.

— Tu não foste julgado como omissos, Rafael. — Miguel mirava com beligerância o irmão serafim. — Não podemos tratar com leviandade a sentença proferida pelo Primogênito.

— Não podes nos chantagear assim — protestou Uriel. — Não seremos condescendentes com as faltas de Rhaziel por compaixão a ti, Curandeiro.

— Para poder ser chamado de chantagista, eu deveria estar fazendo exigências condicionais, meu irmão — rebateu Rafael. — Observa que apenas estou exigindo receber a mesma pena que os demais ignavos, pois não agi na batalha contra Lucibel de modo distinto ao deles.

— Já conversamos sobre essa besteira que estás a dizer — Miguel se impôs. — Não vamos fingir que tu não entendes a diferença entre tua postura e a de Rhaziel. Já basta!

Rafael não retrucou, mas seu silêncio não diminuía seu ar desafiador:

— Essa é a minha vontade, irmão — respondeu, por fim. — É o que julga sensato a minha consciência.

— Escuta, irmão — pediu Gabriel, de longe. — A sentença foi proferida pelo Primogênito sem considerar que mais serafins se rebelassem hoje. Foste tu o primeiro a entoar o cântico de torpor. Quem de nós será capaz de replicá-lo a ponto de fazer com que justo tu adormeças?

Instintivamente Rafael mirou Miguel. Quando os demais serafins foram concebidos pela graça de Demiurgo, Miguel já existia. O rosto amigo do irmão mais velho foi a primeira visão alcançada pelos olhos supernos dos Primordiais. Nenhum deles conhecia exatamente o limite das capacidades do General de Deus. Sua humildade confundia os irmãos, mas a ferocidade já demonstrada em combate servia como lampejo do real poder guardado daquele que fora escolhido pelo próprio Demiurgo como matriz para todos os demais celestes da

Cidade de Prata. Apenas Lúcifer ousara desafiá-lo, uma insanidade cujo preço era incalculável.

— Tu não porás nosso irmão à prova — bradou Uriel, trincando os dentes. — Tua insolência hoje beira a de Lucibel. Não permitirei que tu exijas que o General de Deus cante em teu lugar. Isso é uma afronta. Eu mesmo dou um jeito de derrubar Rhaziel e mesmo tu, nem que para isso eu seja obrigado a abrir-vos as veias e drenar-vos o sangue até que desfaleçam. — A Chama de Deus deu poucos passos na direção de Rafael, sua mão baixou até a cruz da espada de lâmina curva presa ao cinto, liberou o botão que prendia o cabo ao couro, mas, mais veloz que seus dedos, uma força invisível furtou-lhe a arma branca.

Os olhos surpresos de Uriel viram Rhaziel empunhar sua lâmina curva a poucos metros de distância. Ambas as mãos do Estrela Vermelha empolgavam o cabo da arma, voltaram sua lâmina para baixo enquanto erguiam a empunhadura acima da cabeça, à frente do rosto, de modo que a ponta da lâmina em parábola tocasse o centro do peito do serafim ignavo.

— Que loucura é essa? — inquiriu Gabriel ao ver que o dono da arma furtada hesitava, surpreso.

— Solta a arma, Rhaziel — Miguel ordenou com voz calma e firme.

— Explica-me irmão — pediu o anjo de barba ruiva. — Por que o Primogênito aguardou Lucibel chegar ao Solarium?

— Estás a piorar tua situação, Rhaziel — interveio Gabriel. — Nem tu és idiota o bastante para tentar transferir tua culpa ao *Nascido antes de todos os séculos*. Ele agiu onde falhamos. Precisou desembainhar a Mil Sóis, pois fracassamos em deter o avanço de Lúcifer.

— Centenas de milhares precisaram morrer até que Ele impedisse a Estrela da Manhã — Rhaziel insistia. — Qual a diferença entre...

— Não ouse! — Miguel esbravejou interrompendo o irmão mais jovem. — Se terminares esta fala, terás que ser julgado por heresia, irmão. Eu não quero isso... certamente, o Primogênito não quer isso.

Uriel despertou do choque e adiantou-se um passo em direção a Rhaziel. O Estrela Vermelha, no entanto, pressionou a ponta da espada um pouco mais sobre o próprio peito criando uma rosa escarlate sobre o tecido branco, o que fez o Ferreiro de Deus hesitar e interromper seu avanço.

— O que pretendes? — indagou Uriel. — Colapsar a estrela que pulsa em teu peito e destruir todo o Castelo de Júpiter? Pretendes matar a todos nós?

— Não finjas que não compreendes meu dom — Rhaziel respondeu. — Sabes que tua lâmina, por mais bem forjada que seja, não é adequada para isso. Sabes também que entreguei de bom grado minha adaga feita de radjar. Não estou tentando salvar-me. Já aceitei minha sentença. Quero apenas ter a dignidade de tombar sem dúvidas que me assobrem.

— Nós também não temos todas as respostas — havia muita dor nas palavras de Rafael. — As coisas estão ocorrendo muito depressa e creio que não estamos conseguindo assimilar bem as consequências de tudo. Mas, em meio a essa loucura toda, sei que não queremos que tu morras. Solta essa espada, irmão.

— Por que Lucibel fez isso? — a pergunta singela de Rhaziel roubou o fôlego dos demais serafins. — O que ele queria?

— Ele não nos explicou nada, Rhaziel. — Gabriel tinha os olhos fechados e massageava com os dedos as laterais da própria testa. — Provavelmente, não nos permitir saber exatamente o que queria era parte de seus planos para nos confundir e vencer.

— Secretamente, Lucibel cresceu em poder e veio a nos surpreender — com voz mais calma, Miguel passou a explicar. — Não esperávamos por um ataque vindo de dentro da Cidade de Prata. Estávamos desprevenidos. Era nosso dever deter Lúcifer, pois somos seus irmãos. O Portador da Luz sabia das consequências de invadir o Solarium. Não sei se o que ele queria era ascender ao Edhen ou se se ele duvidava da real força do Primogênito. Fato é que sua estratégia o levou aonde planejou, mas aquele era o limite de suas ambições. Infelizmente, a gana de nosso irmão custou inúmeras vidas. Peço que reflitas, Rhaziel, se todas as espadas tivessem sido empunhadas para deter Lúcifer, Christos não precisaria intervir. Isso deveria nos envergonhar. É por esta vergonha que tu e nossos outros irmãos inertes foram condenados.

— Solta a espada, irmão — Rafael pediu uma vez mais. — O Criador terá misericórdia de nós no dia do Juízo.

— Que o próprio Demiurgo me dê sabedoria e humildade para que eu clame por esta piedade — respondeu Rhaziel. — Mas tu não precisas ser perdoado por nada, Cura de Deus — disse fitando os olhos esverdeados de Rafael. — És a personificação da misericórdia do Criador. És a criatura mais bondosa entre nós. Dá-me teu canto novamente e desta vez dormirei, eu prometo. Exijo apenas que abandones a ideia absurda de ser punido. Tens hoje um trabalho indispensável a realizar, e tua influência sobre os anjos do céu é imprescindível. Sem tua pureza, as chances da Cidade de Prata ruir são imensas.

Subitamente o serafim de cabelos vermelhos retirou do peito a ponta da espada curva que pertencia ao seu irmão ceifador. A mancha rubra no tecido claro ganhava mais tamanho. A Estrela Vermelha ofereceu o cabo da arma a Uriel, que caminhou alguns metros até o serafim ignavo e, com gentileza, recobrou a lâmina. Miravam-se nos olhos sem proferir palavra, até Rafael romper o silêncio:

— Promete que clamará por clemência, Rhaziel, por ti e por todos os outros irmãos falhos, a quem faltou sabedoria neste triste episódio. Promete agora, e aceito teus termos. Viverei enquanto tu dormes. Aguardarei a realidade pós Juízo para que eu possa desfrutar novamente de tua irmandade.

— Eu prometo — respondeu o Estrela Vermelha, com os olhos ainda fixos nos de Uriel.

— Eu esperei que tu viesses lutar ao meu lado — Uriel falou, de repente. Imediatamente seus olhos umedeceram, suas narinas se dilataram e se contraíram. A Chama de Deus não piscava temendo deixar sua fraqueza escapar pelos olhos. — Lúcifer me era o irmão mais presente depois de ti. Antes de tu chegares, era eu o mais jovem dos serafins. Sei o quanto o Portador da Luz podia ser cativante, nos fazer sentir acolhidos, importantes, amados... Entendo em parte as dúvidas que te aplacaram, mas ele estava cometendo um erro gravíssimo e tu deverias tentar impedi-lo, de uma forma ou de outra.

— Eu sei...

— Por amá-lo tanto, tu deverias ter ficado do nosso lado, ter inspirado tantos outros letárgicos a fazê-lo — Uriel continuava. — Teríamos evitado que ele fosse tão longe.

Teríamos feito isso juntos. Tu falhaste com ele também, nós todos falhamos. E por saber o quanto tu o amavas, que me foi de certo alento perceber que, embora tu não ombreasses comigo, não era possível ver-te nas fileiras opostas. Tu não havias atendido ao clamor da revolução. Tu não responderas à convocação de Lucibel. Eu estou devastado por ter cruzado espadas com ele. Agradeço por não teres me obrigado a lutar contigo também.

Rhaziel tinha um nó absurdo na garganta e não se importava em deixar escorrer grossas lágrimas que alcançavam a barba áspera. Não pôde responder nada ao irmão, que saiu de sua frente, passou ao seu lado e caminhava em direção a porta do salão gigantesco. Viu que Rafael se aproximava para dar-lhe um sono de milênios e desesperou-se, não pelo destino miserável, mas pela angústia de ver seu tempo acabando sem que pudesse se abrir com seu irmão mais próximo, como este acabara de fazer. Rhaziel e Uriel muitas vezes só tinham um ao outro. Nunca se viram com a magnitude dos quatro serafins mais antigos. Pouco conheciam de Metraton e sua preferência pelo plano material. O Príncipe dos Corpore sabia que Lúcifer havia cativado a Uriel, tanto quanto a ele próprio. A admiração, respeito e amor que os serafins mais jovens nutriam pela Estrela da Manhã tinham a mesma intensidade, mas a Estrela Vermelha percebia, agora, que havia sido refém de seus sentimentos, enquanto a Chama de Deus havia sofrido uma dor imensurável ao escolher seu dever a despeito daquilo que sentia. Rhaziel tinha uma coisa mais a dizer e não poderia cumprir sua palavra a Rafael e pedir por misericórdia no Armagedon sem antes confessar tal angústia.

— Uriel — o Estrela Vermelha virou-se chamando o serafim mais velho, que estacou sua caminhada, voltando-se para fitar os olhos do irmão caçula. — Lúcifer... ele... — a voz do serafim ruivo estava embargada, em seus olhos se desenhava uma vergonha genuína por aquilo que precisava revelar. Rhaziel sentia-se minúsculo, desleal e idiota, porém dormiria por milênios e seu sono não seria tranquilo se não conseguisse ser franco com seu irmão mais próximo. — Ele jamais pediu que eu me unisse a ele.

## I - NOLOTH

### *Fortaleza Grigori, 4499 A.C.*

— Mas, e se... — Azazel escolhia as palavras com cuidado. — Se eventualmente algo der errado e nos vermos diante de Rhaziel desperto, quais são as suas orientações, senhor?

— Confesso que sou otimista demais para já ter pensado a respeito, Azazel — respondeu Samyaza. — Tenho certeza de que decifrei com precisão os sinais advindos do sonho de Istehar.

— Hipoteticamente, senhor. Sabemos que os recém-libertos da rocha costumam estar enfraquecidos...

Samyaza semicerrou os olhos, mirando o semblante do outro anjo. Azazel apreciava observar o líder Grigori hesitando diante de dilemas. Um sorriso sem dentes enfeitava a face do captare que igualmente mirava o general. Samyaza caminhou na direção de Azazel, envolveu os ombros do subordinado com o braço direito e começou a guiá-los rumo à porta de saída:

— Terás que confiar em minhas leituras dos presságios, companheiro — disse Samyaza, descontraído. — No entanto, se eu estiver enganado, serei obrigado a confiar em teu talento nato em fazer amigos.

Azazel sorriu, igualmente descontraído. Antes de cruzar a arcada da porta, no entanto, o capitão fez questão de fitar um canto obscuro do salão Grigori e menear a cabeça com um discreto cumprimento a, aparentemente, ninguém. Samyaza ainda tinha um sorriso nos lábios enquanto fechava a porta às costas de Azazel.

— O capitão Azazel é um pouco exibido — uma voz grave, porém suave se fez ser ouvida vindo da escuridão mirando instantes antes pelo captare. Do canto sombreado emergiu uma figura esguia de estatura mediana. Um anjo de cabelos negros cortados marcialmente curtos, a pele muito alva, um rosto delicado, mas forte, o queixo levemente bipartido. A visão direita era coberta por um tapa-olho de couro negro, a íris esquerda ostentava um tom de mel sob a claridade. O corpo magro era coberto por uma armadura leve, confeccionada em couro e metal fosco. A aparência do celestial era andrógena e seus passos não produziam som enquanto se aproximava do general Grigori.

— Tua presença invisível é formidável, Noloith — respondeu Samyaza enquanto estendia o braço ao subordinado em cumprimento —, mas Azazel é um captare astuto e faz questão de demonstrar isso.

— Exatamente o que eu disse, general: exibido. — O celeste sorria. — Mas que fique claro, senhor, que se precisar de meus serviços para vigiar nosso capitão, posso me esforçar para que ele jamais sinta minha presença. Geralmente não preciso estar tão próximo de meus alvos.

— Eu confio nele, Noloith. — Samyaza conduzia o anjo à mesa vazia do conselho. — Isso não será necessário. Se um dia for, obviamente que teus dons serão apreciados. És meu melhor espião. Jamais imaginei que um querubim poderia prestar um serviço tão esplêndido em um campo tão obscuro.

— Meus dons de casta me auxiliam nessa empreita muito mais do que é razoável imaginar, senhor. Inclusive, se me permite exprimir algumas impressões captadas por mim durante a reunião, advirto que o capitão Tamiel exalava enfado além da óbvia impaciência e Mecron tem muito medo da responsabilidade imposta a ele. Jeliel e Katrina nutrem muita admiração pelo senhor. A lealdade desses dois últimos é quase garantida, mas Jeliel também é um querubim, um mestre no que tange as emoções, portanto os sentimentos que demonstram não são completamente confiáveis. Mas não quero tomar seu tempo. Como ordenou, ouvi atentamente toda a reunião. Até por isso precisei chegar tão perto. Quem preciso espionar para garantir o bom andamento de seus planos?

— Mecron e Tamiel, em um primeiro momento — respondeu Samyaza, enquanto ajustava as cadeiras usadas pelos conselheiros em torno da mesa. — Confio o suficiente nos demais, mas caso eu necessite aumentar o número de teus vigiados, chamar-te-ei.

— Perfeitamente, senhor — o querubim dobrou-se sobre um dos joelhos, levantou-se rapidamente e começou a recuar de costas em direção à porta. — Com sua licença.

— Toda.

O celestial girava sobre os calcanhares, quando hesitou. Suspirou e voltou novamente o olhar para seu comandante, que o observava atento.

— Preciso perguntar-lhe algo, general.

— Pois não.

— Os sentimentos do senhor são muito fáceis de serem lidos. Mas ainda assim não consigo entender por que confia em mim para espionar seus conselheiros mais próximos.

— Eu não confio em ti, Noloith — Samyaza tinha as mãos sobre o encosto de uma cadeira e um sorriso sincero nos lábios —, assim como não confio em espião algum. Mas tu és o melhor dentre os melhores e, mais importante que isso, eu gosto de ti.

— O senhor não confia em mim, mas me permite cumprir tarefas cruciais, pois sabe que sou capaz e porque gosta de mim?

— Exatamente.

— Perdoe-me a franqueza, general, mas isso constitui uma fraqueza em seu comando, algo que pode ser eventualmente explorado por seus inimigos. Algo que ainda pode vir a lhe causar muita dor.

— Eu sei, Noloith. Obrigado pela sinceridade.

— Sabe?!

— Eu não sou tolo em confiar completamente nas pessoas, querubim, mas seria infeliz se baseasse meu comando em desconfianças. Eu não teria paz.

— Perdoe-me novamente, general, mas paz é um luxo que o comandante dos Vigilantes pode sonhar em ter?

— Claro. Eu não rompi com os rígidos dogmas da Cidade de Prata para vir ser infeliz na Terra dos homens. Eu ofertei liberdade para que todos os Grigori pudessem buscar júbilo neste reino. Inclusive eu.

O olho castanho arregalado do querubim deixava transparecer toda a surpresa com a qual recebia a resposta de Samyaza. Ele ficou mudo por um instante, mas depois sorriu genuinamente e voltou a se dirigir à saída do salão:

— Eu também gosto do senhor, general.



## II - A PEDRA DE HÉRMON

### *Vale do Rio Jordão, 4039 A.C.*

A chave de Hérmon parecia bastante ordinária nas mãos de Inurah. Tratava-se de um disco de mármore branco polido cujo diâmetro era menor que um palmo e a espessura não alcançava a de dois dedos unidos; possuía gravuras desconhecidas e distintas entre si, até mesmo no tamanho em que foram inscritas. Todas elas eram ligadas por linhas sulcadas na superfície do pálido mineral. Selival a entregara ao captare após emergir das águas barrosas que encobriam um pequeno vilarejo às margens do rio Jordão. O Chama Negra havia confiado o objeto a um ancião por quem tinha apreço, um homem temente a Deus que zelava por um rústico templo naquela comunidade. O idoso provavelmente teria sucumbido ao alagamento ou fugido para longe, salvando sua vida, no entanto, tivera a sabedoria de manter a pedra onde sempre esteve guardada e escondida, possibilitando seu resgate por parte do Celeste que lhe confiou tal demanda. Talvez o velho apenas tivesse esquecido a chave de Hérmon sob o altar de sacrifícios do templo no afã de escapar das águas salobras do Jordão que engoliam com voracidade a vila ribeirinha.

Os anjos se refugiavam da tempestade em um precário casebre situado no mesmo vilarejo onde Inurah e Arthorius foram atacados por Hainoal em seu primeiro encontro. Mitzarael estava decidido a encontrar o companheiro ou pelo menos descobrir o que lhe acontecera, antes de decidir se realmente utilizariam o portal que seria aberto por meio da chave entregue por Selival. Partiriam daquele ponto em busca de alguma pista do paradeiro do Indômito, mas precisavam, antes, descansar. Haviam viajado o dia inteiro ainda feridos e, somente ao cair da noite, avistaram a vila abandonada. A casa que escolheram era uma das que estavam em melhor estado, mas ainda assim a água da chuva invadia com abundância através do teto de folhas apodrecidas. O odor de mofo havia se tornado algo corriqueiro desde que aqueles dias chuvosos se tornaram ininterruptos. Ele estava impregnado em todas as habitações de madeira e terra, nas roupas utilizadas pelos alados e até mesmo em seus cabelos. O Sombra Celeste inspecionava a pedra com curiosidade, deitado em um dos cantos do recinto iluminado pela lúgubre chama de um archote; Mitzarael meditava ajoelhado no cômodo adjacente usando seus dons de arcanjo para curar seus ferimentos, tinha ambas as mãos posicionadas sobre o abdome que fora trespassado por lâmina inimiga, tinha também a impressão de que algum outro órgão se partira quando foi atingido pela explosão sônica de Tamiel; era quase certo que uma hemorragia interna lhe afligia o vigor. Selival continuava circunspecto, reflexivo. Montava vigia na chuva, ignorando o anseio dos companheiros em revezar os turnos; sua mente não assimilava ainda a triste verdade sobre Laiakin, e o hashmallim se flagrava considerando possibilidades ridículas de contornar uma situação irremediável. Sua memória o torturava reprisando um evento cruciante em que presenciara uma mãe abraçada ao cadáver de seu filho caçula, morto atropelado por um cavalo. A senhora chorava, repetia coisas sem sentido, afagava os cabelos da criança, olhava para o céu e depois para o menino, repetia o singelo ritual centenas de vezes esperando, decerto, que em algum momento o filho voltasse a respirar, o que, obviamente, não aconteceu.

— Permite que eu faça a guarda por um tempo, Chama Negra. — Inurah se encontrava pouco atrás de Selival, o domínio não saberia dizer há quanto tempo. — Descanso ajudará na recuperação de tuas lesões. Estou em melhor estado, fui ferido no embate apenas por minhas próprias asas.

— Estou bem. — A secura do domínio fez pairar, entre os dois anjos, muitos segundos de silêncio.

— Fala-me então um pouco mais sobre a chave. — O captare se pôs ao lado do guerreiro negro, retirou do sobretudo o disco de pedra e o exibiu ao companheiro, percebendo o quanto a superfície lisa do objeto se tornava escorregadia ao ser molhada na chuva. — A pedra não parece ter propriedade mágica alguma.

— E não tem — respondeu Selival. — É mais um mapa do que uma chave, de fato. Ela é encaixada no centro de outros discos de mármore, no altar erigido em um ponto de conexão entre os planos físico e espiritual. Os discos giram e a disposição destes determinará o destino do portal que será aberto.

— E sabes o caminho correto até este altar?

— Não.

— E a disposição dos discos para a abertura do portal?

— Também não.

— Magnífico!

O Chama Negra lançou um enigmático e demorado olhar sobre o outro anjo, depois voltou a mirar a escuridão úmida do vilarejo desabitado:

— A pedra é chamada “de Hérmon”, pois pertence a um altar situado no palácio de Samyaza, construído nas entranhas do monte Hérmon...

— Eu sei que fica no subterrâneo dessa montanha, Selival — interrompeu Inurah. — O que estou perguntando é como encontraremos o palácio de Samyaza dentro de uma imensa montanha antes que as águas do céu engulam o mundo inteiro. Outra questão é como vamos saber como dispor os discos de modo que o portal nos leve a um lugar seguro.

— O lugar é alto, vai demorar a ser submerso. A película espiritual do ponto onde foi erigido o portal é miseravelmente fina. Uma vez no interior da montanha, a menor sensibilidade espiritual será capaz de conduzi-los ao local correto. Quanto aos discos, eles possuem marcas, como podes observar. Encaixe as linhas sulcadas no minério e o portal se abrirá para algum lugar. Poucos destinos podem ser mais perigosos que o plano físico neste momento.

— “Poucos” não é “nenhum”. Não estamos em condições de contar com a sorte ultimamente. E se o altar é ressonante como dize, muito provavelmente não seremos os únicos atraídos até lá. O lugar pode estar sendo vigiado por enviados de Miguel ou mesmo por servos de Samyaza que desejam fugir do cataclismo.

— Dificilmente.

— Sério?! O que te faz pensar assim?

— Tanto Miguel quanto Samyaza acreditam que a pedra fora destruída.

— Por quê?

— É uma longa e confusa história...

— Pela qual muito me interessa.

— Tudo bem, captare. — O dominação respirou fundo. — Mitzarael disse que iniciaremos as buscas por Arthorius pouco antes do alvorecer, certo?

— Exato.

— Vou te explicar mais isso e depois tu me deixarás em paz e não me dirigirás a palavra até a aurora. Temos um acordo?

— Parece razoável.

— Pois bem. A missão de minha esquadra celeste no plano físico era a de recuperar a chave de Hérmon, que havia sido furtada há várias décadas do templo dos Grigori por um dissidente das tropas de Samyaza. A teoria era a de que ele pretendia barganhar com Miguel, usando a pedra como artifício para diminuição de sua pena após sua rendição. Muitos acreditavam nisso, mas acham que ele não teve tempo; que foi encontrado e morto por outros Grigori, talvez até mesmo por Azazel, pois houve um período em que o Fúria Sagaz empreendeu uma caçada a Vigilantes específicos. Os relatos dos espíões de Paradísia não são muito detalhados a este respeito. Fato é que a chave de Hérmon ficou desaparecida por algumas décadas até que há dois anos um dos captares de minha falange me trouxe a teoria de que a chave poderia estar em poder de uma nephlin, filha de Azazel. Ele alegou ter obtido a informação por meio de um informante, uma entidade com a qual a mestiça havia barganhado uma vez.

— E o relato do informante estava correto?

— Pedi para investigar, mas não coloquei muita fé, devo admitir. Meu intuito maior era ter um pretexto para vir ao plano material e obter mais pistas do paradeiro de Laiakin. No entanto, encontrei a garota. Ela tinha três discos de pedra alva, idênticas ao descrito como sendo a chave de Hérmon.

— Como três?

— Ela havia feito réplicas do disco original. Ela sabia que cedo ou tarde seria assediada por conta dos itens e pretendia enganar seus algozes, mas foi surpreendida por mim que a flagrei com o disco original e duas cópias.

— Como ela obteve o disco original?

— Ela estava furiosa. Limitou-se a dizer que seu pai alado a confiou a pedra. De fato, acredito que ela seja uma híbrida. Algo de celestial parecia emanar dela, ao passo que sua beleza era quase pecaminosa.

— Como soubeste qual disco era o original?

— Não havia como saber. Nenhum deles parecia estar envolto em magia, eram idênticos. Eu, portanto, tomei os três e perguntei qual era o verdadeiro. Ela não parecia disposta a dizer. Eu tomei emprestado o martelo de um recípere a meu serviço, repousei um dos discos sobre um tronco cortado e desferi um golpe que o despedaçou em uma dúzia de pedaços pequenos. A feiticeira sequer piscou. Limpei o tronco e coloquei o segundo disco no lugar dos pedregulhos que sobraram do anterior. Ela então começou a implorar. Disse que seu pai a mataria se a procurasse e ela não mais tivesse a chave ou se esta estivesse destruída. Eu soube então que aquela era a pedra certa.

— Correste o risco de destruir a pedra certa no primeiro golpe.

— Sim, mas pouco importava. À Cidade de Prata interessava apenas que os Grigori não pudessem usar o tal portal. Por isso eu despedacei o terceiro disco também, disse aos meus homens que destruiria igualmente a chave verdadeira, mas que a reduziria a cinzas com minhas chamas. Enviei minha esquadra de volta a Cidade de Prata com a mensagem de que a Chave de Hérmon estava destruída. Meus homens confiavam cegamente em mim e eu os enganei. Disse que iria apenas contatar um velho amigo no plano físico e que em seguida os

seguiria à Paradísia, mas foi neste momento que desertei, foi a partir deste dia que iniciei minha busca por Laiakin. Eu realmente pretendia reduzir a chave a cinzas, preservando assim meus homens que, embora tivessem um comandante desertor, não teriam feito um reporte falso aos generais celestes, no entanto me ocorreu de utilizar a pedra como barganha caso fosse necessário. Eu não tinha ideia dos desafios que encontraria na busca por Laiakin... Inúmeros são os meus pecados, captare.

— Eu gostaria de poder devolver-te isto — disse Inurah com o disco alvo na mão. — Com certeza isso abrandaria seu julgamento perante os serafins. Mas infelizmente não vemos outra saída que não seja a utilização desse portal.

— Eu jamais aceitaria. Vós me ajudastes a encontrar quem eu procurava há anos. O mínimo que posso fazer é cumprir minha promessa.

— Como Hainoal soube que tu tinhas a pedra?

— Não faço ideia. E tuas indagações estão se tornando inúteis. Tua preocupação com o que vão encontrar no palácio de Samyaza era mais relevante, Inurah.

— Mas tu disseste que dificilmente haverá lá anjos rebeldes ou soldados de Miguel.

— Eu disse que os Grigori e a Cidade de Prata acreditam que a pedra foi destruída, mas nem todas as entidades sabem que é necessária uma chave para escapar do plano físico ali.

— O que isso significa?

— As profundezas do monte Hérmon não se tornaram um ponto de conexão entre os planos espiritual e físico após lá ser erigido o palácio de Samyaza. O líder Grigori escolheu o local para ser sua morada, justamente porque lá a película da realidade é mais fina. Entidades exiladas no plano físico e alheias aos conflitos angélicos podem enxergar o local como um dos únicos modos de escapar desta tormenta derradeira, ignorando o fato de que Samyaza codificou a passagem pela película por meio de um altar arcano.

— Então poderemos ter que enfrentar entidades interessadas em utilizar o portal.

— Ou barganhar com elas, Inurah. Vós possuíis um tesouro valioso nas mãos, e o mundo não vos permite escolher com quem negociar.

— Tens razão, Selival... — Inurah guardou o disco de pedra sob a roupa, mirou o casebre para onde deveria retornar deixando o hashmallim em paz, mas hesitou. — Sou grato por toda ajuda e pela paciência que tiveste em me explicar isso tudo.

Selival respondeu com apenas um discreto gesto de cabeça, quase imperceptível.

— Tenho uma última coisa a dizer-te — o captare ressalvou, já diante do caminho de volta à cabana rústica e de costas ao Chama Negra. — Disse que te deixaria em paz, mas penso que tu gostarias de saber que meu glifo localizador segue ativo em Laiakin. Estou certo de que ela o percebeu, mas preferiu não cancelar seu efeito. Talvez isso signifique algo a ti.

Significava. Selival estremeceu, mas a sensação era efêmera. Tinha de ser. Nada respondeu ao captare, permaneceu impassível, vigiando o negrume úmido. Após alguns instantes de silêncio incômodo, ouviu finalmente o chapinhar dos passos de Inurah, que se afastava sobre as rasas corredeiras aquosas que não mais conseguiam penetrar na terra encharcada. Selival convivera com Laiakin a maior parte de sua vida, a conhecia como a si próprio. Olhos de Júbilo era sensível e orgulhosa, como a maioria das mulheres; o tipo que, quando comete uma falta, necessita de um perdão urgente para ainda se sentir amada. No

entanto, a vida só parece justa quando esse perdão chega sem que seja necessário pedir por ele. Não tinha ideia das agruras pelas quais a celestial havia passado, mas se render à sedução das profundezas era um ato estúpido e irreversível. Uma decisão abominável, impossível de ser relevada, a despeito de qualquer amor. Eram tempos difíceis para sentimentos incondicionais, decidiu o domínio.

O mundo dos homens seria devastado e Laiakin estava morta.

### III - ALIANÇA

A noite era madura quando Lanis terminara seu relato e a madrugada era vencida pela claridade do sol quando seus ouvintes, satisfeitos, cessaram as perguntas. A querubim era detalhista e quatro séculos de narrativa eram muita informação. No entanto, nem toda história sabida pela Brisa Sidérea jogava luz sobre as aflições atuais dos ignavos. Lanis ignorava completamente os mistérios que envolviam a tempestade misteriosa que assolava o mundo e não fazia ideia do que lhes aconteceria caso fossem capturados pelos irmãos da Cidade de Prata. Satoshi, que se unira ao grupo ainda no começo da noite, acreditava que após os celestiais invocarem suas asas, derrubando a discrição de seus avatares terrenos, seriam presas fáceis aos caçadores de Miguel:

— Quando colocarmos os pés para fora deste templo profano, seremos certamente abordados por algum grupo de caçadores que nos levará à justiça da Cidade de Prata.

— Discordo, Satoshi — retrucou Laurel. — O mal que emana deste lugar já é atrativo o bastante para obter a atenção de qualquer criatura superna que se aproximasse. Se ninguém nos confrontou até agora, penso que Paradísia abandonou a nossa busca.

— Espero que tenhas razão, minha amiga — considerou o nimbus, se levantou do chão frio e se dirigiu ao lado oposto da imensa galeria, se aproximando da feiticeira humana que se juntara ao grupo pouco antes de as primeiras luzes delinearem as nuvens pesadas do oriente e pareceu não dedicar muita atenção às respostas que Lanis dava aos companheiros.

Nerian, no momento, raspava um dos chifres do demônio tombado recolhendo as lascas dentro de uma pequena e rústica sacola de couro. Estava absorta em sua tarefa, suas roupas estavam sujas com os fluidos asquerosos do monstro. O anjo da mente havia observado a feiticeira retirar o olho incólume da criatura, bem como sangue, alguns pelos, dentes e pequenos ossos. Tudo era armazenado em recipientes distintos que a feiticeira escondia depois sob os tecidos que cobriam seu corpo. A tarefa horrenda, decidira Satoshi, não combinava nem um pouco com a aparência surpreendente e delicada que tinha a jovem mortal.

— Já terminei aqui — disse a feiticeira, antes mesmo de o celestial proferir qualquer palavra. — Espero que me perdoem por eu espalhar ainda mais este odor repugnante. Não é todo dia que se é possível ter acesso a tantos ingredientes raros.

— Não vejo problema algum, ainda que um de meus companheiros julgue hedionda a tua atitude — respondeu Satoshi.

— Quem?

— O mais alto e forte. Arthorius é seu nome. Ele alega que demonologia e necromancia não é o tipo de arte a qual um filho de Deus deveria ter acesso.

— Mas não sou filha de Deus. — Sorriu Nerian fitando os olhos rasgados de Satoshi, observando seu semblante se enrijecer. — Sou filha de um celestial que se rebelou contra seu deus. E não se preocupe que ainda não aprendi a conjurar criaturas de planos inferiores, tampouco a obrigar os mortos a caminhar uma vez mais.

— Somos todos filhos de Demiurgo — censurou o nimbus.

— Então ninguém deveria ter acesso a tais artes.

Ainda descontraída, Nerian retornou, acompanhada de perto por Satoshi, para onde estava o restante do grupo. A atenção de todos se voltou aos que se aproximavam.

— Encontrei uma forma interessante de esconder teu odor de humana — zombou Arseth, se referindo ao aroma demoníaco que recendia da sujeira na roupa da mulher.

— Se me levarem ao monte Hérmon, posso usar o antigo templo de Samyaza para abrir um portal ao mundo dos espíritos. — Nerian ignorou a provocação de Arseth e mirava Lanis enquanto falava. — E este portal evitará os terrenos rasos da sombra o qual você diz estar sendo vigiado por celestiais inimigos.

— Não são nossos ini... — começou Laurel, mas depois decidiu que isso não importava.

— E o que tu ganhas nos ajudando? — questionou Arthorius.

— Não estou oferecendo ajuda — respondeu a feiticeira. — Estou propondo uma aliança. Conheço o ritual correto para a abertura do portal, mas para isso preciso reaver um artefato que me foi roubado. Precisarei de vocês para a tarefa.

— Que artefato seria? — perguntou o Lume Altivo.

— Um cetro. Sem ele é impossível, para uma mortal como eu, canalizar a energia necessária para se realizar um ritual desse porte. Homens de Merpatin me roubaram.

— E quem seria este? — continuou Satoshi.

— Um senhor de terras do leste. Ele se denomina rei e gosta de se ver como um mago, embora não tenha aprendido nada além de feitiços ordinários.

— Outro mortal?

— Sim, mas possui muitos homens de armas e seu principal conselheiro é um feiticeiro antigo chamado Cahad. Este, com o cetro em mãos, pode ser muito perigoso.

— Até mesmo para nós? — indagou o dominação.

— Não sou profunda conhecedora de seus dons, mas o artefato é bastante poderoso, de modo que seria interessante não o subestimar. Cahad também encontrou um modo de enfraquecer os dons que os filhos de alados herdaram de seus pais. O bruxo considera nossa linhagem uma ameaça e dedicou boa parte de seus estudos a superar nossas capacidades.

— Então teu inimigo se precaveu de uma retaliação da tua parte? — era Lanis quem inquiria agora.

— Sim, mas embora ele possa ter lido os sinais tenebrosos dessas tempestades, ele não detém conhecimento sobre o monte Hérmon. Talvez não imagine que seja necessário escapar do plano físico.

— Se eu entendi direito, tu não queres apenas tua relíquia de volta — observou Arseth. — Pretendes cruzar o portal para Spiritum conosco.

— Obviamente.

— Não seas patética — escarneceu o captare. — O plano espiritual não é lugar para carne humana. Se queres partir para lá, basta que morra.

— Não é tão simples assim, principalmente para mim — retrucou a nephilin. — Mas não vou perder meu tempo explicando isso a você. Se mesmo depois de eu sugerir ajuda mútua, pretende me negar a salvação desse dilúvio, você é tão tirano quanto os irmãos que os perseguem.

— Estás enganada mulher — gargalhou o Benevolente. — Sou muito mais tirano que qualquer um deles. Não precisamos de tua ajuda. Se a película no monte Hérmon é mesmo mais fina, esta corpore aqui pode facilmente lá nos abrir uma fenda pela qual escaparemos.

Laurel recebeu os olhares interrogativos dos outros Celestes, até mesmo a feiticeira mirou a corpore, mas esta oscilou negativamente a cabeça:

— Não é verdade.

— Tu não és inútil, apenas dissimulada — o capture acusou. — Estás admitindo ser menos capaz que uma criança humana, mas não me enganas. És um maldito anjo da guarda e provavelmente estás a mentir para proteger a mortal.

— Pensa o que quiseses, cretino — protestou Laurel. — Precisas tu te provar útil antes de julgar os demais.

— Provar-me útil?! E quanto a atacar um arkanita que tentava drenar-te o sangue do corpo como um macaco faria a uma manga.

— Lembro também de eu ter impedido que o demônio te devorasse os braços.

— Um braço.

— Chega! — protestou Lanis. — Fomos todos esquecidos nesta terra moribunda e não dispensaremos ajuda alguma. Nerian vem conosco — disse isso mirando Arseth nos olhos. — E embora não tenhamos nos conhecidos da maneira mais amistosa, temos que encerrar qualquer contenda e parar de provocar uns aos outros, caso contrário seremos facilmente subjugados pelo primeiro obstáculo. E não temos poucos pela frente.

— A querubim fala com propriedade — observou o Indômito. — Concordo que deves lançar mão de qualquer artifício em busca de salvação.

— Deveis? — indagou surpresa a corpore. — Estás te excluindo do grupo?

— Preciso encontrar meus companheiros — respondeu Arthorius simplesmente.

— Tolicice! Tu não tens habilidade de rastreio. Fica conosco onde teus dons combativos serão de muita ajuda. Permite que teu amigo capture te encontre.

— Tal tarefa se tornou quase impossível depois que o nimbus arrancou o glifo de Inurah de minha pele.

— Isso de novo... — Satoshi virou os olhos. — As habilidades de rastreio dos captares não se restringem ao uso de marcas em seus alvos, é importante ressaltar.

— Tenhas fé — pediu Laurel apanhando com ternura ambas as mãos do hashmallim. — Por favor... temos mais chances de sucesso se vieres conosco. Se não fosse por tua ajuda, eu teria sido devorada por aquela criatura abissal.

Arseth pigarreou.



— Vossa ajuda — corrigiu a anjo-mulher de cabelos curtos e negros, mas fitando os olhos da criança-anjo de olhos verdes e cabelos rubros.

Arthorius refletiu por um instante. Estava, de fato, em conflito. Precisava se reunir ao seu antigo grupo, era o que mandava sua lealdade e amizade. No entanto, os argumentos da corpore faziam sentido, e o hashmallim se sentiria mal se algo de ruim viesse a acontecer com algum desses irmãos recém-conhecidos por culpa de sua ausência.

— Não garanto que cruzarei o portal quando chegar o momento — admitiu o Indômito, vencido —, mas sim, acompanhar-vos-ei até lá.

— Ótimo — sorriu a anjo da guarda, um sorriso genuíno.

— Quanto tempo de caminhada até os domínios desse rei? — Lanis questionou à feiticeira.

— Caminhada? — interveio Arseth. — Melhor usarmos nossas asas. Se mesmo depois de ontem, quando abusamos todos de seu uso, não fomos perseguidos, nunca mais seremos.

— Não podemos — rebateu Lanis. — Ainda nos é de grande valia a máscara terrena que nos concede nossos avatares. Nossos dons únicos derrubam essa máscara, e nada é tão único quanto nossas asas. Apenas devemos utilizá-las em extrema necessidade. Ainda que ninguém tenha surgido em nosso encalço até o momento, não significa que nossos futuros descuidados passarão despercebidos.

— Percebes que este mundo miserável está se afogando, Lanis? — Arseth ironizou, mas seu semblante era duro. — Não penso que temos tempo para caminhadas. Ainda mais para satisfazer a ambição de uma mortal.

— Sequer ouviste a resposta da mulher, captare — censurou-o Laurel. — Podes tu parar de reclamar e te opor a tudo, por um instante que seja?

Arseth bufou em silêncio, fitou a feiticeira, que respondeu secamente:

— De quatro a cinco dias, nessa chuva...

— É muito tempo — observou o nimbus.

— Obrigado — disse Arseth a Satoshi.

— Mas não precisamos percorrer o caminho todo a pé — Nerian ressaltou. — Parte do caminho poderá ser feito a cavalo. Isso poderia reduzir o tempo gasto no trajeto em dois dias.

— Disseste não ser boa com conjurações — comentou Satoshi.

— Não vou conjurar nada. — A mulher sorria. — Existe alguém que me deve um favor.

#### IV - GRILHÕES DA ALMA

Laiakin não se intimidou com a luminosidade da galeria dos papiros. Era o único recinto realmente limpo e organizado daquele lugar. Provavelmente onde Mehiel e sua curiosidade indomável gastavam a maior parte de seu tempo. Assim como a antiga morada Grigori, as paredes, chão e teto da habitação eram revestidos com pedra branca e lisa, não havia no entanto inscrições sulcadas no mineral. Prateleiras de madeira adornavam todas as paredes do piso ao teto. Milhares de tomos e pergaminhos ocupavam, a muito custo, o espaço das estantes. Laiakin sabia que muitas daquelas escrituras eram fruto do trabalho meticuloso da própria Venadora Infalível. Archotes ardiam presos nas paredes nos intervalos de cada prateleira, enegreciam com fuligem a rocha pálida a que estavam presos, bem como a atmosfera do recinto sem ventilação. Uma mesa circular ocupava o centro da galeria octogonal. Nela Mehiel se debruçava sobre alguns pergaminhos e papiros abertos.

— Imagino que este seja seu lugar preferido no mundo, senhora — disse a jovem captare, atraindo a atenção de sua mentora.

Mehiel contemplou uma celestial completamente distinta da que chegou aos tropeços há dois dias, imunda, ferida, perdida... Laiakin trajava a couraça leve oferecida por Mehiel. A armadura não era mundana, protegia o tórax e o abdômen da captare e havia sido confeccionada em couro negro e metais foscos por um ferreiro habilidoso que entendia a necessidade de mobilidade e discrição do usuário da armadura. Botas, luvas e um saiote feitos dos mesmos materiais completavam o conjunto. Olhos de júbilo tinha novamente um brilho na face, um ar de confiança, passos firmes e um tom de voz que impunha respeito ao invés de pena.

— Vejo que a antiga couraça de Zalaviel te serviu melhor que a ela — elogiou a Venadora. — Tu tens o busto mais avantajado, mas isso parece dar até mesmo mais firmeza à peça.

— Não agradei adequadamente quando me deu este presente raro, mestra. Perdoe-me e obrigado.

— Não há necessidade de gratidão. A pobre hashmallim não precisará mais dela e mesmo se minha armadura não fosse superior, esta não me serviria, pois tenho um tamanho incomum para mulheres. Fica com isso também. — Mehiel pôs sobre a mesa duas adagas de cabos ornamentados em cor grafite, fixadas em uma bainha dupla finamente confeccionada em couro marrom escuro.

— Não, mentora. Imagine! Não posso aceitar.

— É claro que podes. São tuas. Não me farão falta. Já me viste alguma vez pelejar brandindo lâminas curtas? Não, não viste. Há séculos essas lâminas me servem apenas de adorno, mas ainda são muito afiadas, garanto. Serão mais úteis em tuas mãos, estou certa.

— Obrigada... — Laiakin apanhou a bainha contendo as duas armas com reverência que beirava o ridículo. — Não sei o que dizer, mestra. Jamais empunhei relíquias tão antigas, ainda mais uma utilizada durante séculos por uma lenda viva...

— “Não utilizada durante séculos” é mais justo com a verdade. E sou uma lenda “morta”, não te esqueças. — Mehiel agarrou com gentileza o cabo de uma das adagas retirando-a da bainha, passou os dedos sobre inscrições em alto-relevo cunhadas na lâmina exibindo à pupila a excelência da peça metálica. — Elas se chamam Grilhões da Alma. Foram

forjadas por mãos de um recíperere tão talentoso quanto inescrupuloso. Agora vem até aqui. Quero te mostrar um mapa.

— Do que se trata? — indagou a jovem Caída após prender a bainha ao cinto, rodear a mesa e estacionar em pé ao lado de sua tutora, que sentava-se em uma cadeira.

— O que te parece? — Mehiel apresentava dois papiros desenrolados, em cada um deles vários ideogramas de formas e tamanhos distintos estavam dispostos de modo aparentemente caótico dentro de um círculo perfeito que tangenciavam as bordas dos pergaminhos quadrados. Os dois papiros eram semelhantes, mas as pequenas inscrições ocupavam posições distintas em cada documento.

— Parecem-me mapas do céu noturno, o círculo replicando a abóbada celeste, cada ideograma representando um astro do firmamento.

— Exato, Laiakin. São mapeamentos feitos pelos Grigori que replicam a face móvel de um obelisco de rocha construído por Samyaza para controlar um ponto de intersecção entre os planos físico e espiritual.

— A magia de Samyaza é assim tão poderosa?

— Não é questão de poder, Olhos de Júbilo, e sim de conhecimento, habilidade e trabalho árduo. Samyaza canalizou as propriedades arcanas do local e criou um paradigma para que somente a um modo fosse possível a sua utilização. A dobra na película que existe no subsolo do monte Hérmon permitia que pontos distantes de Spiritum fossem atingidos quando alguém abria ali um portal. Devido à pouca espessura da película, não era difícil ali rasgar o tecido da realidade e abrir uma fenda para o plano dos espíritos, no entanto o conjurador estava sujeito ao caos provocado pela intersecção planar. Os destinos a que conduziam esses portais eram sempre incertos, variando desde a umbra rasa até os mais profundos sub-planos ou vales umbrais. Pelo que pude entender, o paradigma imposto pelo altar criado pelo líder Vigilante, não apenas delimita o modo de utilização da dobra mística, como também permite definir com precisão o destino de um portal ali aberto. No fim das contas, Samyaza encontrou um modo engenhoso de usar a magia para dominar um fenômeno natural.

— Magia ainda é algo muito obscuro para minha mente... — Laiakin tinha os olhos estreitos observando as diferenças entre as duas inscrições apresentadas. — Por que não reconheço o idioma utilizado para registrar esses ideogramas?

— Acredito que é porque Samyaza escolhera um idioma morto, ou utilizado por entidades ignoradas pela Cidade de Prata.

— As posições dos astros são muito distintas de um papiro para o outro — Laiakin apontava o mesmo ideograma escrito em posições muito divergentes em ambos os documentos. — Isso não faz sentido. As estrelas caminham juntas no céu, não cruzam umas com as outras como aqui.

— Estavas indo muito bem, Laiakin, mas esqueceste que nem todos os astros no céu são estrelas.

— Claro... Os planetas, as luas...

— Sim.

— A vista do céu noturno a partir do destino umbrático para o qual for aberto o portal também parece importar.

— Fantástico.

— É sim. Quero que memorizes estes mapas, Laiakin. Para tanto, deverás antes aprender a identificar cada um desses ideogramas. Há aqui um tomo no qual tu poderás estudá-los.

— Claro, mestra, mas posso saber exatamente o que farei com tal conhecimento?

— Saberás no momento certo. E não desdenhes da tarefa, pois será árdua. Além destes dois mapas há outros onze para que tu memorizes.

— Dê-me tempo, senhora, e será feito. Prometo.

— Tenho certeza que sim.

— Posso saber como a senhora teve acesso a documentos tão valiosos aos Vigilantes?

— Ora, Laiakin, os encontrei todos aqui mesmo. Tu por acaso sabes onde estamos?

— Não faço ideia, mestra. Após ser liberta, segui o glifo que a senhora permitiu lhe impor na pele e cheguei até aqui.

— Estamos no segundo refúgio utilizado por Samyaza na Terra dos homens. Antes mesmo de eu delatar à Cidade de Prata sua posição no subsolo do monte Hérmon, os Grigori descobriram que eu estava em seu encaço e abandonaram o antigo templo. Quando as falanges de patrulheiros chegaram à montanha, encontraram apenas as entranhas abandonadas da antiga morada dos Vigilantes. Quando então insisti na perseguição, fui capturada pelos Grigori e desde então essa é minha casa.

— Azazel a capturou...

— Sim, os outros detalhes da história tu conheces. O que quero dizer, e este ponto da história que ignoras, é que fui trazida prisioneira a este novo templo, à época ainda em construção. Em princípio, Samyaza queria replicar com exatidão sua antiga morada, mas percebeu que a caverna que escolheu era menos estável que as cavidades do monte Hérmon. Portanto agiu com bom senso e não fez mais que lapidar e adornar com minério branco as galerias naturais desta gruta. O lugar é espaçoso, de difícil acesso aos humanos e até então desconhecido pela Cidade de Prata. Antes de os Grigori se dissolverem com o conflito entre Azazel e Samyaza, fui aqui tratada com respeito pelo líder dos Vigilantes e permaneci cativa por muitos anos. Tive, então, a oportunidade de desvendar o maior mistério que envolvia as práticas dos Vigilantes na Terra. O próprio Azazel e alguns outros feiticeiros poderosos estavam despertando os anjos ignavos aprisionados no barro mundano. Estes, gratos e perdidos, se juntavam à causa dos Grigori, ainda que não entendessem por completo qual era o objetivo e a missão deles na Terra. Samyaza ocultou, enquanto pôde, dos indolentes despertos, as práticas amorais de seus comandados.

— Quando Rhaziel me impediu de juntar-me a suas tropas, seu exército estava praticamente consolidado e prestes a descer ao submundo. Não tive tempo de ganhar a confiança de seus capitães, como a senhora desejava. Não sabia que todos eles haviam trabalhado antes para os Grigori. Todos pareciam muito leais a Rhaziel, como se não tivessem tido antes senhor algum.

— Os ignavos despertos por Samyaza não eram exatamente subordinados a ele — explicou a Venadora. — Cumpriam diretrizes que imaginavam esconder suas existências de Paradísia. Quase não tinham trato direto com os Vigilantes. Misturaram-se às nações humanas a fim de não serem encontrados e realizavam os registros exigidos por Samyaza de muito bom grado. Quando Rhaziel surgiu, os ignavos imaginaram que seus dias de obscuridade e fuga haviam terminado. Pensaram que, sob a liderança de um serafim, poderiam reaver o perdão da Cidade de Prata ou ao menos lutar por sua liberdade.

— Faz sentido. Pareciam-me determinados. Eu não conhecia muito bem a sua história, mas o pouco que conheci desses irmãos não me fez enxergá-los como os traidores covardes de que sempre ouvi falar. — Laiakin se divertia, atenta a história contada que preenchia lacunas em seu próprio saber. — Incrível como a senhora conseguiu se infiltrar entre os Grigori e obter todas essas informações.

— Não é bem assim. Samyaza jamais permitiu que eu fizesse contato com algum ignavo, mesmo quando propus me aliar a ele. Grosso modo, eu continuava cativa. Ter acesso a essas fontes vivas de história sempre foi meu maior desejo, mas mesmo após interrogar alguns, nunca obtive respostas que me satisfizeram completamente. Eu precisava de um estudo, precisava ouvir e registrar dezenas, talvez centenas deles... Quando cativa eu não compreendia muito bem por que Samyaza protegia tanto os despertos nem como ele conseguia escondê-los de Paradísia e de Azazel. Tempos depois descobri que ele havia dividido os ignavos em diversas falanges e as dispersado pelo mundo, de modo que se diluíssem em nações e tribos. Nem mesmo seus capitães mais próximos tinham conhecimento exato de onde estavam os ignavos.

— E como esses milhares de celestiais caminhando no plano físico não chamou a atenção dos serafins?

— A máscara de Miguel. Já te expliquei que nos receptáculos mundanos, os ignavos não irradiam sua aura celeste.

— É verdade... Samyaza foi engenhoso em se aproveitar disso.

— Sim, ele foi meticuloso. Os nomes dos ignavos despertos eram documentados. — Mehiel desenrolava extensos pergaminhos contendo milhares de nomes em sequência. — Os ignavos eram brevemente interrogados e assim os Grigori descobriam eventuais nomes daqueles que ainda não haviam sido libertados do barro. Havia lugares na Terra de onde Samyaza sabia que não podia libertar nenhum ignavo, por conta de um sonho premonitório. Chegaria o momento em que o confronto entre a lista dos nomes dos despertos e a lista dos nomes lembrados revelaria a Samyaza quem eram os ignavos que ele deveria temer.

— Sempre achei que apenas Rhaziel fosse capaz de oferecer ameaça a Samyaza — ponderou Laiakin.

— Há várias formas de se ameaçar um legado. Eu hoje tenho uma boa ideia de quem são esses ignavos e muitos deles já foram despertos. Acredito que eles realmente possuem algo grandioso em seu futuro. Não apenas afetando o destino de Samyaza, como até mesmo o de Rhaziel.

— O destino de Rhaziel e seu exército está selado, mentora. Não há o que ser feito para mudá-lo.

— Como podes afirmar isso?

— Ele foi categórico, senhora — respondeu a Caída. — O exército de despertos estava diante dos Portões de Sin, e a filha de Lúcifer já se aproximava para conferenciar com os capitães quando Rhaziel me surpreendeu, me abraçou e sussurrou em meu ouvido que eu deveria partir e procurar pela senhora, que não permitiria que nós duas nos uníssemos a ele; que seus homens acreditavam que atacariam as hostes abissais, mas que uma vez dentro do sub-plano infernal, ele dobraria o joelho diante de seu irmão caído e os ignavos não teriam escolha outra senão segui-lo. Eu não tenho dúvidas de que Rhaziel e suas tropas hoje servem a Lúcifer. Talvez Rhaziel não soubesse que meu destino era igualmente me tornar um demônio ou teria permitido que eu continuasse sob seu comando e adentrasse junto com seus ignavos os domínios infernais.

Sentada, Mehiel fitou de baixo para cima, por um longo instante, os olhos frios da aprendiz. Não havia um argumento forte o bastante para contestar a pupila. A Venadora Infalível podia ainda embasar as próprias crenças motivada por fé. O mesmo não podia exigir da discípula Caída.

— Não tenho ideia das provações que enfrentaste desde que me encontraste no plano físico e decidiste ser leal a mim em detrimento dos Serafins. Sei que as chagas que te assolam irão arder pela eternidade e que talvez seja difícil compartilhar de minhas crenças, mas garanto que não estou apostando em fábulas quando creio que há uma razão para alguns ignavos não terem atendido o chamado dos Grigori, permanecendo em seus cárceres até tempos recentes.

— A senhora sabe quantos desses anjos caminham hoje pela Terra? — Laiakin não podia ainda retirar do semblante o ar de incredulidade, mas tentou dar continuidade ao assunto que tanto excitava sua mentora.

— Impossível precisar os números — respondeu Mehiel fingindo não notar o interesse forçado da pupila. — Não tenho conhecimento de todos os que desertaram das falanges ignavas quando estas estavam sob jugo de Samyaza. O próprio Rhaziel enfrentou abandonos quando reuniu os ignavos em uma única tropa. Eu me refiro precisamente aos ignavos que libertei mais recentemente, um total de cinco. Tenho minhas razões para acreditar que são especiais. Há também aquela querubim que conhecemos antes de Rhaziel. Ela dedicou suas últimas décadas a libertar outros ignavos.

— Por que a fé nesses anjos, em especial, mentora?

— Porque os via em meus sonhos antes mesmo de conhecê-los e os vejo ainda hoje.

— Sonhos?

— As meditações que faço buscando entender a história e enxergar as possibilidades de futuro. Magia do tempo é uma arte traiçoeira, procuro lançar mão das mensagens que obtenho com muita cautela. Há outros celestiais que me povoam igualmente as visões, mas os que liberei da prisão mineral com Eluah, pude conhecer pessoalmente e testar suas índoles.

— A senhora já testou minha índole alguma vez?

— Claro que sim.

— E qual foi a resolução que obteve?

— O que achas, Olhos de Júbilo? Foste aos portões do inferno por mim. És a captare mais leal já criada por Demiurgo.

— E abençoada por Shaitan... — Laiakin deu um passo para trás impedindo que sua mentora a visse secar do rosto a trilha úmida de uma lágrima solitária. — A senhora já me viu em suas visões do futuro?

Mehiel respirou fundo sem se virar para encarar a aprendiz, engoliu seco e, por fim, respondeu:

— Não.

A Caída não pôde esconder sua consternação. Empertigou-se, olhou para uma sombra qualquer que oscilava sob o brilho lúgubre dos archotes na outra extremidade do salão. Recobrando a postura, Laiakin aproximou-se e retomou o assunto, tomando cuidado em manter os olhos ocupados com as várias escrituras sobre a mesa:

— O capture delgado que me resgatou do GagNoz mencionou ser um anjo exilado no plano físico...

— Sim, pela descrição que me deste dele, tenho certeza de que é um dos que libertei. Provavelmente o Chama Negra buscou auxílio para empreender teu resgate.

— Ele não me pareceu nem um pouco extraordinário.

— Tu estás livre, não é verdade?

A jovem capture deu de ombros, inclinou-se um pouco mais sobre o papiro e apontou com o indicador uma pequena inscrição no meio de tantas outras:

— “Inurah”, ele se apresentou a mim com esta alcunha. “A Sombra Celeste” disse ser seu singelo título.

— Laiakin, preciso que entendas que não é a força destes anjos que fará diferença na história e sim o papel de cada um no tear do destino. Hoje não passam de anjos mais pueris do que tu eras quando te conheci. Não possuem o poder necessário para operar o impossível, mas terão no momento certo a justa motivação para tentá-lo.

— Confiarei em seus sonhos, senhora. Vou forçar meu papel e minha importância em suas visões do futuro. — Laiakin tinha visível ciúme dos ignavos e do vulto que tinham na obsessão de sua mentora. — Farei tudo o que estiver ao meu alcance.

— Ótimo — respondeu a Venadora, com um sorriso nos olhos.

Mas Mehiel tinha o coração partido, pois mentia a sua discípula. A mentora sonhara com sua pupila, mas em sua visão profética, Laiakin agia conforme sua atual natureza.